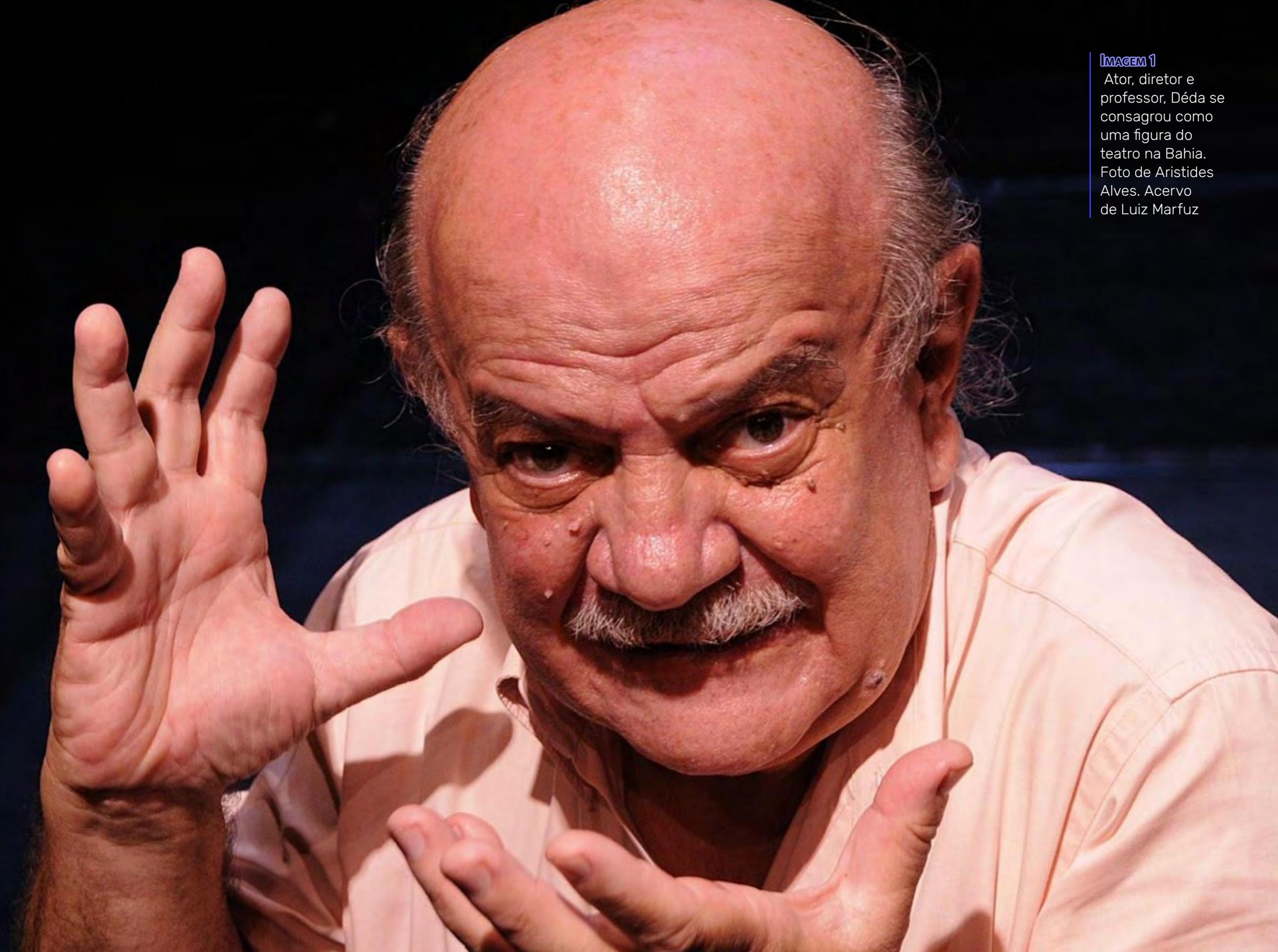




# A CASA DE HARILDO: aprendizado e afeto no convívio longevo do mestre com a Escola de Teatro

MARCOS UZEL

Jornalista, professor e escritor com pós-doutorado em artes cênicas pelo PPGAC-UFBA. Mestre e doutor em cultura e sociedade pelo IHAC-UFBA. Cursa atualmente, no PPGAC, o seu segundo doutorado. É autor dos livros *O Teatro do Bando* (P55 Edição/2003), *A Noite do Teatro Baiano* (P55 Edição/2010), *Guerreiras do Cabaré* (EDUFBA/2012) e *Nilda: a dama e o tempo* (EDUFBA/2021), além de ser um dos organizadores da coletânea sobre as Poéticas de Marcio Meirelles (EDUFBA/2020), em parceria com o professor Paulo Henrique Alcântara.



**IMAGEM 1**

Ator, diretor e professor, Déda se consagrou como uma figura do teatro na Bahia. Foto de Aristides Alves. Acervo de Luiz Marfuz



**No fatídico** ano de 1964, um jovem comunista nor-

destino de raízes sertanejas é aprovado no vestibular para o curso de artes cênicas da Universidade Federal da Bahia. Chama-se Harildo Déda. Nascido no agreste sergipano e radicado em Salvador, ele tenta unir a aptidão artística a um propósito político: adquirir base de conhecimento técnico na Escola de Teatro, para aperfeiçoar os espetáculos engajados que realizava no Centro Popular de Cultura, o CPC, fundado no Rio de Janeiro e ampliado através de filiais em outras praças do país. Assim como vários outros de sua geração, Déda adere à proposta do CPC de utilizar a prática teatral como um braço forte da militância política, projeto impulsionado pela vitalidade do movimento estudantil da época, que reivindica uma maior aproximação das artes cênicas com os problemas do povo brasileiro.

Mas o seu ingresso na Escola de Teatro é bruscamente interrompido. A decisão oficial de expulsar os estudantes comunistas matriculados na casa universitária, um dos efeitos arbitrários da violência que atingia o país, impede que ele consiga pôr os pés na sala de aula. É um começo impactante e conturbado. A tentativa de se aproximar da instituição se choca com a realidade do cenário opressor da ditadura militar. Déda está na lista dos alunos e alunas forçados a abandonar o curso, durante a gestão da diretora Nilda Spencer, que ocupa a cadeira deixada por Martim Gonçalves. Figura articuladora ligada ao Centro Popular de Cultura e um dos discentes da segunda turma da Escola, o cineasta e diretor teatral Orlando Senna atribui a Nilda o fardo de ter sido pressionada pelos militares a ter que escolher entre expulsar os comunistas ou fechar a Escola.

O episódio se soma à destruição da sede da filial baiana do CPC, um dos alvos da repressão, e aos abalos sequenciados do golpe de 1964. Tudo isso afeta o percurso teatral de Déda nessa primeira fase de sua caminhada: “Eu tinha que fugir”, enfatiza o artista na biografia *Harildo Déda – A matéria dos sonhos*, de Luiz Marfuz e Raimundo Matos de Leão. Sua história dentro da universidade se reconfigura somente a partir de 1966, ainda sob os chumbos da ditadura. De volta a Salvador, após sair de cena por dois anos para tentar se proteger da perseguição dos militares, ele finalmente consegue assumir o seu lugar de direito como estudante de artes cênicas. Forma-se, em 1970, com a montagem de *A Última Gravação de Krapp*, de Samuel Beckett.



Começa, então, a se desenhar um novo contexto, no qual essa figura icônica da memória das artes na Bahia vai inaugurar e aprofundar laços criativos e afetuosos com a Escola de Teatro, firmando-se como uma personalidade ímpar na história da instituição. Além de consolidar a sua atuação potente como ator, diretor e professor, esse vínculo entre sujeito e espaço, ao se instalar numa linha do tempo, espelha o quanto tal relação se torna determinante para fixar, no imaginário de gerações, a representatividade de Harildo Déda como o artista que alcança o papel do grande mestre.

Veterano dos palcos, ele é reconhecido como um guardião da tradição de uma arte, acumulador de vivências cênicas de valor inestimável, e permanece em pleno gozo da vitalidade produtiva, tendo ainda muito a ensinar a jovens atores, atrizes, diretores e diretoras. No livro publicado em parceria com Leão, o dramaturgo e encenador Luiz Marfuz assinala que seu biografado talvez seja “o único artista vivo do teatro baiano a quem todos chamam de Mestre, no sentido mais profundo do termo. Harildo é *Master of Fine Arts* em Interpretação pela University of Iowa, mas o sentido da palavra ultrapassa o viés acadêmico”.

O lugar do sujeito detentor da sabedoria, ocupado com o atravessar do tempo, remete-o à figura do artista cavalheiro, título dado pelos ingleses aos atores de passado memorável. Marfuz reafirma tal reverência ao escrever especialmente para Déda a peça *A Última Sessão de Teatro* (2009), que celebra 70 anos de existência do homenageado, também escolhido para inaugurar o projeto Mestre da Cena, da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, na gestão de Marcio Meirelles. Embora o caráter biográfico não seja predominante nessa peça de Marfuz, há sinalizações contidas no texto que associam HD (personagem com as iniciais de Harildo Déda) à representação do mestre consagrado: o domínio da técnica, a disciplina, o prazer de ensinar, o estado de prontidão, o ardor pela sua arte e a capacidade de lidar com as emoções, lapidada pela experiência.

Harildo reafirma o papel fundamental da Escola de Teatro na construção dessa trajetória. Do ponto de vista artístico, ele cita a instituição como sua grande formadora. É o espaço que organiza, profissionaliza, aponta caminhos e coloca no lugar certo tudo o que o aprendiz já sabia intuitivamente sobre o ofício. “Lá (e no Teatro Vila Velha), eu aprendi a fazer amigos na profissão. João Augusto dizia: ‘não é família, é local de trabalho’. Mas a gente transformava o local de trabalho em lugar de companheirismo. Isso eu tive na Escola de Teatro com meus colegas e, mais tarde, já ensinando, tive com os meus alunos”, enaltece, destacando um dos nomes mais importantes



de sua carreira, com quem absorveu a veia social e política dos cordéis: o professor e diretor teatral João Augusto, líder da Sociedade Teatro dos Novos, que inaugura, em 1964, o Teatro Vila Velha, um dos patrimônios da cultura brasileira.

Os afetos estão preservados na memória de Harildo. Os aprendizados, também. Como o de se encantar vendo o colega João Gama no palco contracenando com uma simples camisa; de desfrutar da alegria de viver da atriz Nilda Spencer, ensinando-lhe que teatro é prazer; de lapidar a voz nas aulas de Lia Mara; e descobrir o potencial do próprio corpo nos exercícios com Lia Robatto, dentre tantos outros exemplos. “Aprendi muito com a Escola de Teatro. A preciosidade que é poder passar a sua experiência de mais velho e de ouvir e aprender com a experiência do mais jovem. Isso a Escola me deu, mesmo nos seus momentos de decadência. As pessoas seguiram levando a chama adiante, mantendo a flama brilhando”, exalta o ator.

---

## DE VOLTA AO COMEÇO

O período acadêmico entre o reingresso no curso de artes cênicas, em 1966, e a formatura, quatro anos depois, é o mesmo em que Déda se engaja na primeira produção do Teatro de Arena da Bahia, e passa a fazer parte do elenco de *Arena Conta Zumbi*, sob a direção de Álvaro Guimarães. A montagem promove o seu reencontro com remanescentes do CPC, fundadores do novo grupo. Nessa fase, o ator discente une o aprendizado na universidade com vivências culturais fora da Escola. Uma delas é a viagem de dois meses à Europa, em 1968. Déda transita pela Finlândia, França, Inglaterra, Dinamarca e Tchecoslováquia, partes do mundo que aguçam seu olhar sensível e observador.

No retorno, volta a abraçar a militância política. Adere à greve de estudantes da UFBA, que mobiliza alunos de artes cênicas, mesmo diante das ameaças de invasão policial. Devido à paralisação, professores da Escola de Teatro são afastados, o que acaba por provocar lacunas no corpo docente da instituição. Com o fim da greve e a retomada do ano letivo, substitutos ocupam o



espaço esvaziado. O diretor italiano Alberto D'Aversa, radicado no Brasil, é um dos convidados. Monta com uma turma de discentes o espetáculo de final de ano *Biederman e os Incendiários*, do suíço Max Frisch, e convida o aluno Harildo Déda para ser um dos protagonistas ao lado da atriz Sônia dos Humildes, uma das professoras afastadas.

É o que o estudante engajado precisava para estreitar laços com D'Aversa, seu primeiro mestre na arte de interpretar personagens, aquele que lhe ensina a expressar a palavra no palco. O espetáculo estreia cinco dias após a decretação do AI-5 e coloca a Escola de Teatro em sintonia com o espírito de contestação da época. Mais uma vez comprometido em fazer oposição à ditadura, Déda interpreta Amadeu Biedermann, sujeito que representa um coletivo de covardes na obra satírica e essencialmente política de Frisch. O ator agradece a chance: "D'Aversa me dizia: 'Desce do cavalo, você não é estátua!' Eu não sabia criticar um personagem. Com ele, comecei a descobrir o que era ser cômico, o que era o ridículo".

A peça cai nas garras da censura. O encenador é obrigado a excluir a sequência em que um coro de soldados do Corpo de Bombeiros parte para cima do público, num confronto direto que traduz de forma explícita a intenção de protesto contra a repressão. Apesar do corte, a montagem guarda outras mensagens nas entrelinhas, despercebidas pelos censores, enquanto o público acompanha a história de um casal pequeno-burguês, os Biedermann, que acolhe um desconhecido em sua residência, sem esboçar reação ao fato insólito de o forasteiro estocar latas de gasolina dentro da casa. O personagem de Harildo simboliza os medrosos, tanto os que se recusaram a enxergar os desmandos de Hitler, quanto os representantes acovardados da classe média brasileira que se sentiam ameaçados pela "esquerda incendiária".

Depois desse e de outros trabalhos com D'Aversa, Déda torna-se mais exigente com suas escolhas artísticas. Passa a querer ter domínio e consciência dos motivos que o conduziram ao elenco de um espetáculo. Estar em cena precisaria fazer sentido para o ator. Isso o leva a ter muita dificuldade de se adaptar às subjetividades estéticas do controvertido encenador Jesus Chediak em sua breve gestão como diretor artístico e administrativo da Escola, entre 1969 e 1970. Déda não se identifica com as propostas metafóricas do diretor e se afasta das poucas encenações bancadas pela casa no final dos anos 1960, consequência do retrocesso político do país. Prefere acolher as inquietações do jovem diretor Deolindo Checcucci, com quem trabalha, no início dos anos 1970, em produções independentes como *O Futuro Está nos Ovos* e *Nosso Céu Tem Mais Estrelas*.



A chegada da nova década traz bons ventos para o ator, que ganha o conforto de um trabalho com segurança financeira. Por iniciativa das professoras Lia Robatto e Lia Mara, ele passa a compor o quadro de docentes contratados da Escola de Teatro na gestão do reitor Roberto Santos (com o avançar dos anos, Déda se torna grande conhecedor da obra de Shakespeare e vira uma referência para as gerações interessadas nos estudos sobre o autor inglês). Mas continua desestimulado pelas criações de Chediak e prefere se exercitar artisticamente no palco do Teatro Vila Velha, fase das parcerias com João Augusto em montagens como *Cordel II*, *Gracias a La Vida* e *Quincas Berro D'Água*.

Chega, então, a hora de dar um salto na carreira acadêmica. Na mesma década, Harildo viaja aos Estados Unidos para cursar o mestrado na University of Iowa. Antes, aceita o convite do estudante de direção Theodomiro Queiroz e interpreta o personagem Jerry na peça de formatura *A História do Zoológico*, de Edward Albee, um dos raros trabalhos que realiza como ator dentro da universidade no intervalo de tempo entre ser contratado para lecionar na Escola de Teatro e a viagem internacional rumo à pós-graduação. Sua volta ao Brasil só acontece em 1980, quando o agora artista mestre, reintegrado à academia, revela ao público outro talento: o de encenador. Um dom que vai se dilatando, ao longo das décadas, numa fartura de espetáculos (*Macbeth*, *Baal*, *Pequenos Burgueses*, *8 Mulheres*, *Hamlet*, *Quando as Máquinas Param...*).

---

## O DIRETOR ENTRA EM CENA

---

Harildo Déda retorna à UFBA na segunda gestão de Nilda Spencer à frente da Escola. O episódio da expulsão dos comunistas, ocorrido há quase 20 anos, fazia parte do passado. Laços de afeto se estreitam no reencontro entre os dois, que já haviam trabalhado juntos em peças como *Quincas Berro D'Água* e *A Companhia das Índias* (esta última, levada ao palco pelo diretor Orlando Senna, em 1968, sob os olhares dos censores, que exigem cortes no espetáculo e acabam vetando sua exibição dez dias após a estreia). Ao retomar o contato com Nilda na volta da viagem, o ator é informado de que a Escola enfrenta uma



crise financeira. O momento coincide com uma data especial: os 25 anos de fundação da casa universitária. O desejo de uma celebração à altura se choca com a falta de verbas para contratar um diretor que assuma o projeto.

Corajosamente, Déda se oferece para dirigir a peça comemorativa dessas bodas de prata, assumindo sua primeira experiência oficial como encenador. O texto escolhido pelo diretor iniciante é *Seis Personagens à Procura de um Autor*, um clássico de Luigi Pirandello, colocando em prática o seu olhar para a linguagem do metateatro. Além de cumprir uma temporada festiva, o espetáculo, lançado em 1981, também apresenta ao público baiano a Companhia de Teatro da UFBA. Consolida-se, assim, como um marco na memória das artes cênicas da Bahia. No elenco composto por alunos, professores e convidados, estão nomes como Nilda Spencer, Yumara Rodrigues, Carlos Petrovich, Mário Gadelha e Cleise Mendes (que divide a cena com os filhos Edlo e Elisa, na época ainda crianças).

O êxito do espetáculo conduz Harildo a uma segunda experiência bem-sucedida como diretor da mesma companhia: *Caixa de Sombras*, adaptação do aclamado texto do norte-americano Michael Christopher, contemplado com os prêmios Pulitzer de drama e Tony Award de melhor peça. O diretor toma conhecimento da obra durante o mestrado nos Estados Unidos. Decide encená-la, em 1982, como parte da frutífera produção na nova etapa da carreira. Vida, morte, esperança e superação são faces da trama, centrada no tema da finitude. Um convite à reflexão do público, formado, em sua maioria, por uma audiência jovem.

Grande parte do elenco de *Seis Personagens à Procura de um Autor* é escalada para o novo projeto, que também conta com a presença da veterana Dulce Schwabacher, destacando-se em cena no seu trabalho derradeiro nos palcos. Já idosa, ela vive uma mulher em estado de demência, e atua numa cadeira de rodas. Dulce vai desenhando os contornos dessa personagem que entra e sai da realidade. Ora parece viajar para perto das fadas, ora retorna à tristeza de sua lucidez. Ao final do processo, *Caixa de Sombras* é apontado pela crítica como um dos maiores acertos da cena teatral de Salvador nos anos 1980. Consagrado em seu trabalho de direção, Harildo Déda ainda dirige *O Jardim das Cerejeiras* (1988), fechando a década com seu primeiro espetáculo voltado para os formandos do curso de graduação da Escola de Teatro.



Década, aliás, que solidifica a imagem de Déda como encenador, reafirmada em mais quatro trabalhos: *Pobre Assassino* (1983), *Ciranda* (1984), *A Noite das Tríbades* (1985) e *Vida de Eduardo II* (1986), todos realizados pela Companhia de Teatro da UFBA, que se torna o grande farol da carreira do artista desde o seu retorno dos Estados Unidos. Mas isso não significa que sua face de intérprete tenha saído de cena. Pelo contrário, o aprendiz, que já guardava os ensinamentos de Alberto D'Aversa, encontra outro ponto de referência no diretor alemão Ewald Hackler, com quem divide a direção de *Ciranda* e se deixa conduzir, como ator, em novas produções da companhia.

O início dessa parceria acontece em 1972, quando Déda atua em *O Criado Mudo*, de Harold Pinter, montagem bancada pelo Instituto Cultural Brasil-Alemanha, um oásis cultural vanguardista em meio à ditadura militar. Mas é na Escola de Teatro que os dois artistas aprofundam no palco afinidades que resultam em grandes momentos da cena baiana. Dois deles lançados na temporada consagrada de 1985, quando Déda ganha o Troféu Martim Gonçalves de melhor ator pelo desempenho na peça *Em Alto Mar*, de Slawomir Mrozek, além de comemorar o prêmio de melhor espetáculo, enquanto Hackler recebe as estatuetas nas categorias direção e cenário. A outra estreia é *Dias Felizes*, um marco na memória do teatro na Bahia. Num encontro de alta voltagem dramática, os protagonistas Harildo Déda e Yumara Rodrigues interpretam personagens complexos, engaiolados dentro de suas próprias vidas, e que parecem coagular o tempo, o espaço e os próprios corpos no contexto da mais política das peças de Beckett.

O ciclo de parcerias entre ator e diretor, na década de 1980, se fecha dois anos depois com o espetáculo *Tango*, outro texto de Mrozek levado ao palco pela Companhia de Teatro da UFBA. Mas logo a cumplicidade se renova em quatro espetáculos lançados nos anos 1990: a tragicomédia *Quase um Hamlet* (1991), de Klaus Mazohl; *A Donzela Casadoira* (1993), em que transitam pelo teatro do absurdo proposto por Eugene Ionesco; *Horário de Visita* (1994), composto por quatro peças de um ato, escritas por Felix Mitterer; e *Noite Encantada* (agraciada com o Troféu Bahia Aplauda de melhor peça de 1996), em que divide a cena com o ator Carlos Nascimento, com quem já havia realizado vários trabalhos.

Em depoimento para Raimundo Matos de Leão, um dos autores de sua biografia, Déda reafirma o lugar importante que Ewald Hackler ocupa no seu percurso artístico: “[...] É um dos meus mestres, me ensina também a lapidar a palavra, a dizer o texto. Era estranho para o resto do elenco ele ficar meia página num ensaio de quatro horas... Era uma continuidade do aprendizado com



D'Aversa, mas não na forma italiana da fala. Hackler, com sua formação alemã, trabalhava o texto de maneira oposta, não era muito stanislavskiano, essa coisa de descobrir o personagem. Mais tarde vou descobrir, lendo David Mamet, que não existe personagem, e sim texto". E assim, alternando os papéis de intérprete e encenador, ele assume, na mesma década, a direção da peça *O Zoológico de Vidro* (1993), de Tennessee Williams, dando condução introspectiva para um texto impregnado de lembranças e melancolias.

---

## AS ESTRADAS DO VELHO ATOR

---

A relação cada vez mais sólida de Harildo Déda com a Escola de Teatro (e a sua companhia teatral) ganha novo impulso no aniversário de 40 anos da casa. Enquanto nas bodas de prata ele se faz presente como diretor, na celebração das quatro décadas da Escola, o artista, já com larga experiência, pisa no palco do Teatro Martim Gonçalves para ser um dos principais nomes do elenco de *A Casa de Eros*, arrojada produção dirigida pelo convidado José Possi Neto, que faz o caminho de volta ao mesmo espaço onde trabalhou nos anos 1970. É um dos momentos mais bonitos de Déda na história do teatro baiano. Nessa espécie de biografia onírica das memórias do espaço universitário, a autora Cleise Mendes compila trechos de peças montadas na fase áurea dos projetos cênicos pioneiros de Martim Gonçalves, entre os anos 1950 e 1960.

Harildo assume o papel do Velho Ator, personagem que realimenta em cena a paixão pela memória de sua arte e preserva o apego à tradição em quase meio século de atuação nos palcos. Tanto que deseja recordar o repertório, as luzes, o sonho e as emoções vividas nos tabladados. Revive o passado como se quisesse buscar as provas de que sua história não é delírio e sim realidade. Depois de rememorar as experiências vividas em cena, o veterano solitário, já com aparência abatida, tem a constatação de que o teatro lhe proporcionou o período mais rico de sua existência no mundo. É quando entra em cena o Jovem Ator, papel alternado por Wagner Moura e Vladimir Brichta, ambos em início de carreira. Sedento por começar a trilhar o próprio percurso,



o aprendiz pede ao mestre: “Me ensine a malícia das estradas percorridas. Me mostre o lado de lá. Da cara ridícula do medo!”, numa das mais belas passagens do texto.

O Velho Ator, porém, quer ser recompensado no seu papel de mestre, conforme ilustra outro trecho poético da dramaturgia de Cleise Mendes: “Me dê a ilusão de ver-me num espelho. Jovem e belo e nu. Face lavada da maquiagem do tempo”. Interceptam-se, assim, o antigo e o novo, a tradição e a renovação, o ensinar e o aprender. São dados inerentes ao próprio percurso artístico de Harildo, que costuma se autodefinir como um “vampiro da juventude”, aquele que precisa absorver sangue novo para sobreviver. Mas que também traz em si a intensidade de quem encara as próprias inseguranças e se atira na arena para enfrentar o touro.

Com esse espetáculo, Déda celebra quatro décadas de fundação da Escola de Teatro e 30 anos do seu vínculo com a instituição (considere-se como marco inicial o seu ingresso como aluno, em 1966, e não os primeiros passos interrompidos, em 1964, com o episódio da expulsão dos estudantes). É admirável a entrega com que ele atravessa o ano comemorativo, sem parar de trabalhar. Além das atuações em *Noite Encantada* e *A Casa de Eros*, a temporada de 1996 abre as cortinas para *Hedda Gabler*, clássico de Ibsen com a assinatura de Harildo na direção.

Toda essa produtividade demonstra como as duas últimas décadas do século XX potencializam as ações da Companhia de Teatro da UFBA, numa comunhão de forças que agrega professores, estudantes e artistas convidados. Harildo Déda é um dos nomes mais representativos desse período de mobilização e êxito. No longo percurso de seis décadas, ele dialoga com diretores de várias gerações, participando de projetos dentro e fora do ambiente acadêmico, em momentos expressivos de sua carreira teatral.

As parcerias incluem os encenadores Carlos Petrovich (*A Farsa da Boa Preguiça*); Álvaro Guimarães (*O Fidalgo Aprendiz*); Fernando Guerreiro (*O Beijo no Asfalto, Equus*); Marcio Meirelles (*A Prostituta Respeitosa*); Hans Ulrich-Becker (*Medeia*); Celso Jr. (*O Cego e o Louco*); Elisa Mendes (*Vida de Galileu*); Gil Vicente Tavares (*Quartett*) e Marcelo Flores (*Em Família*), dentre outros diretores, sem contar os vários filmes em que atua, sob a condução de cineastas como Nelson Pereira dos Santos (*Tenda dos Milagres*), Cacá Diegues (*Tieta do Agreste*), Walter Salles (*Central do Brasil*) e Sérgio Machado (*Cidade Baixa*).



Mas é com Ewald Hackler, nas encenações da Companhia de Teatro da UFBA, que Harildo acumula o maior número de trabalhos, desde que passa a se entregar de corpo e alma ao exercício criativo dentro da universidade.

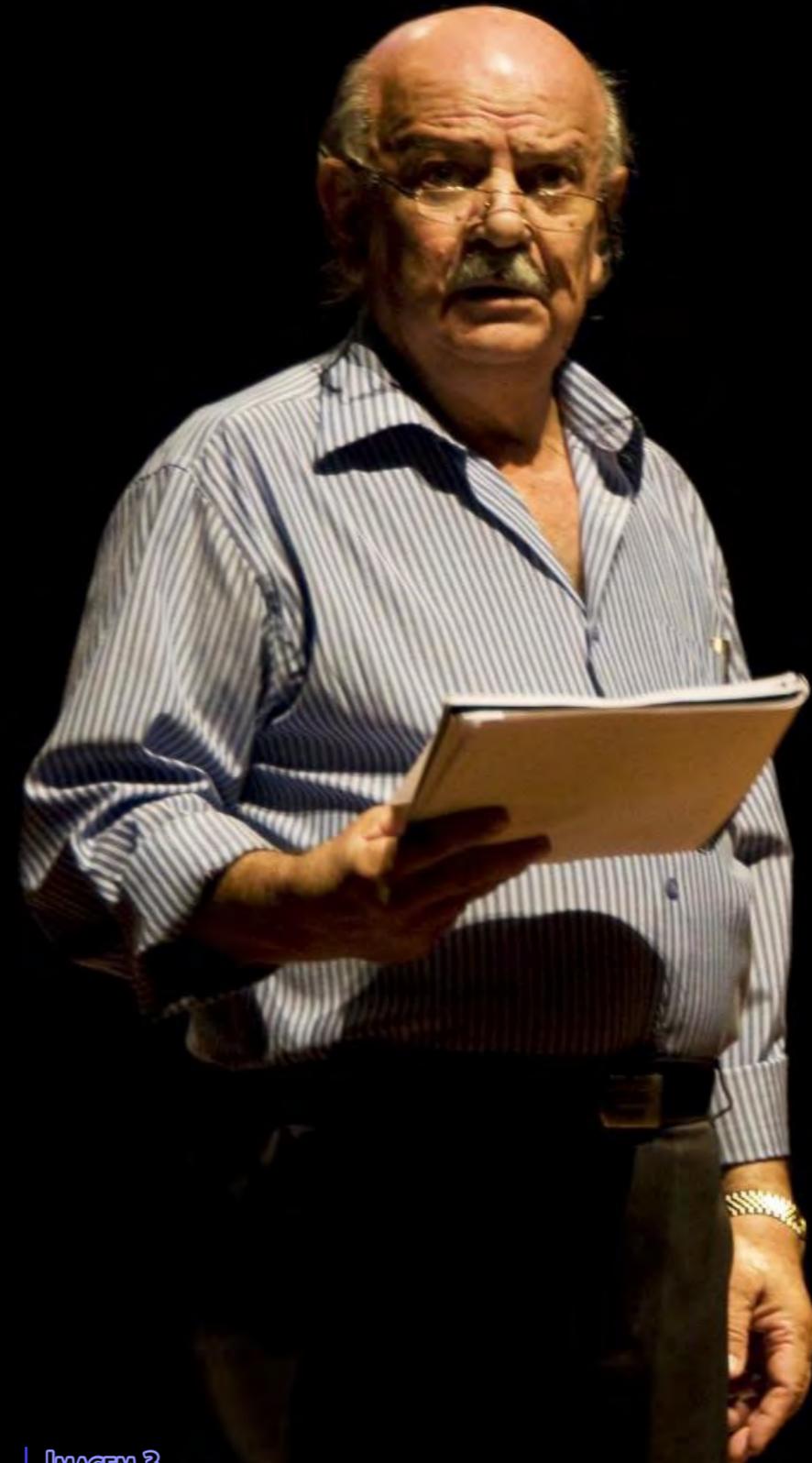
**IMAGEM 2**

O diretor, cenógrafo e professor Ewald Hackler é parceiro de Harildo Déda em processos criativos junto à Companhia de Teatro da UFBA. Acervo do Instituto Martim Gonçalves



Em 2000, intérprete e diretor novamente se juntam para apresentar ao público a montagem *A Mulher Sem Pecado*, de Nelson Rodrigues, encenada com sutilezas poéticas, emoção contida e valorização da qualidade dos diálogos, além do uso de elementos cênicos distanciados do melodrama, uma marca dos trabalhos de Hackler, mesmo numa trama de narrativa folhetinesca. No alto de sua maturidade, Harildo é o maior trunfo do espetáculo. Sentado numa cadeira de rodas, supera muito bem as limitações de movimentos no papel de Olegário, sujeito manipulador, atormentado pelo ciúme doentio da esposa. O resultado alcançado nesse drama psicológico rodrigueano é um primor de interpretação.

Também paralítico, o beckettiano Hamm, personagem de *Fim de Partida* (2011), ganha vida através do corpo cênico de Déda, em mais uma peça dirigida por Hackler. Dessa vez, para celebrar outra data festiva: os 30 anos da Companhia de Teatro da UFBA. Cego e sem poder andar, o velho Hamm, tão rico quanto avarento, mantém um convívio simbiótico com o criado Clov (papel de Gideon Rosa, num grande trabalho de interpretação). Eles moram num abrigo à beira-mar, onde faltam comida e remédios, sob uma atmosfera que remete ao pós-guerra. A relação entre o criado e seu patrão não é nada fácil. Ao mesmo tempo, os dois mantêm uma dependência mútua, revelada nos diálogos estranhos e conflituosos contidos no texto. Isso torna ainda mais rico o jogo de cena entre os experientes atores nessa obra tragicômica de Beckett.



### IMAGEM 3

Em cena na peça *A Última Sessão de Teatro* (2009), que celebrou os 70 anos do artista. Acervo de Luiz Marfuz



Quando assume seu lugar em *Fim de Partida*, Harildo Déda já havia perdido o vínculo empregatício com a Escola de Teatro. Em 2009, dois anos antes da estreia do espetáculo, o artista educador se vê forçado à aposentadoria compulsória, após décadas de dedicação à universidade. É um rompimento difícil para o ator, diretor e professor, que experimenta uma sensação de abandono, no alto de seus 70 anos de idade. É nesse momento que Luiz Marfuz entra em cena e faz Harildo renascer metaforicamente. Para homenageá-lo numa data tão emblemática, Marfuz escreve a peça *A Última Sessão de Teatro*, que, além da iniciativa criativa, também pode ser compreendida como um gesto político de oposição aos estigmas sociais em torno dos artistas velhos. A chave do renascimento reenergiza o mestre. Por esse trabalho, ele ganha o Prêmio Braskem de melhor ator.

Mesmo sem o elo formal com a academia, o intérprete permanece afetivamente ligado à Escola e à companhia teatral da universidade. Se em *Fim de Partida* o vínculo amplia seu repertório como intérprete, em *Longa Jornada Noite Adentro* (2013), de Eugene O'Neill, é a vez de o encenador voltar a se destacar. Cabe a Déda conduzir o elenco na absorção desse enredo que se passa num único dia, mas que parece durar toda uma vida, centrado nas emoções e desajustes de quatro membros da família Tyrone (referência de teor biográfico, através da qual o autor da peça reflete sobre o seu próprio núcleo familiar). Pela condução exitosa, ele recebe o Prêmio Braskem de melhor direção. Quando isso acontece, o mestre já acumula no currículo mais de 70 peças. Grande parte dessa longa jornada é vivida dentro de uma universidade, de uma escola de teatro, de uma casa: a casa de Harildo.